

Este programa original proporciona atenção e afeto, tão desesperadamente necessários, às crianças desvalidas, dando ao mesmo tempo aos seus idosos participantes uma nova carreira e uma nova perspectiva na vida

Abençoados Sejam os Avós Adotivos

Condensado de CHRISTIAN HERALD
ALISON WYRLEY BIRCH

LISA TINHA dois anos e meio de idade quando chegou ao Hospital São Rafael de New Haven, Connecticut, mas pesava apenas quatro quilos e parecia um pequenino esqueleto marrom. Os olhos negros baços eram impassíveis; o único sinal de vida que a menina dava era levantar os braços suplicantes e miar como uma gatinha. A mãe de Lisa simplesmente se recusara a cuidar dela.

Foi uma sorte para Lisa ter sido levada para o São Rafael: para sobreviver emocionalmente, e também fisicamente, Lisa precisava não só de comida, mas também de cuidados carinhosos durante todos os minutos em que passava acordada. Os hospitais comuns não têm condições para proporcionar isso. Mas o São Rafael tinha e tem, graças ao seu Programa

de Avós Adotivos. Esse original programa emprega homens e mulheres de mais de 60 anos de idade para trabalharem até quatro horas por dia, quatro ou cinco dias por semana, nos hospitais ou nos centros para menores abandonados, retardados, fisicamente deficientes ou emocionalmente perturbados.

Kelsie Anderson foi uma das avós adotivas escolhidas pelo São Rafael para cuidar de Lisa. Dia após dia a Sr.^a Anderson dava comida à menina, acariciava-a, penteava-lhe o cabelo, lia para ela ouvir, e passeava-a no carrinho. Fêz-lhe um roupão e chinelinhos a combinar e dava-lhe de várias outras formas uma atenção tão carinhosa e dedicada como se Lisa fosse sua. Quando a Sr.^a Anderson terminava o seu plantão de cada dia, era substituída por outra avó ado-

tiva. "Durante a noite inteira", disse a Sr.^a Anderson, "eu vestia aquela garotinha nos meus sonhos." Em dois meses a pequenina Lisa engordou mais de três quilos. Seu rostinho magro ficou mais cheio, e ela começou a sentar-se para brincar, a sorrir, e até a dizer uma ou outra palavra. Naqueles dois meses, o seu desenvolvimento psicológico e social expandiu-se do de um recém-nascido para o de uma criança de dois anos.

Visitei algumas das 183 instituições onde trabalham os avós adotivos, e por tôda a parte me contaram os pequenos milagres que êles realizaram. Numa escola para retardados mentais, um meninozinho que diziam ter a língua prêsa botou a língua de fora para o seu avô adotivo, e agora, tendo descoberto que tem a língua, está falando. Um funcionário da escola admirou-se ao descobrir outra criança "silenciosa" empenhada numa complicada conversa com a sua avó adotiva. "Ora, êle sempre fala", respondeu ela surpreendida quando lhe perguntaram.

Em uma creche, uma avó adotiva contou-me que Arthur, menino de três anos, pendurado nas mãos da avó enquanto ela conversava, havia sido declarado autista—isto é, uma criança incapaz de reagir e de se relacionar com as pessoas. Agora, após vários meses de cuidado carinhoso, êle a estava empurrando para fazê-la sentar-se numa cadeira, e depois sentou-se no colo dela.

Em outro centro para retardados

mentais, John Simpson, de 81 anos de idade, estava ensinando Joey, menino espástico, a comer sozinho, guiando-lhe pacientemente a mão até à boca. De repente, Joey fez o movimento correto sozinho, uma vez. Radiante, o seu mentor de cabeça branca procurou em volta da sala alguém que compartilhasse o seu entusiasmo. Uma avó aproximou-se por um instante para aplaudir o triunfo de Joey, e depois voltou à sua tarefa de esfregar as pernas atrofiadas do menino que estava sob os seus cuidados, o qual voltou a cabeça para ela e sorriu. A um canto uma senhora já grisalha estava sentada ao lado de uma menina numa cadeira de rodas, animando-a a usar as mãos para acompanhar o compasso da música que vinha de um toca-discos próximo. Em outro canto, Billy estava aprendendo a vestir-se sozinho e a fazer muitos movimentos básicos que futuramente lhe darão uma independência relativa.

A idéia dos avós adotivos nasceu em 1964, depois que o Departamento de Oportunidades Econômicas (DOE), de Washington, pressionado pelo Congresso norte-americano, começou a procurar maneiras pelas quais os velhos pobres pudessem ajudar na guerra contra a pobreza. No decorrer do levantamento, Richard Boone, do DOE, visitou uma enfermaria de recém-nascidos, onde ficou estarecido de encontrar as crianças em gaiolas—ou assim lhe pareceram as suas fileiras de bercinhos.

Boone achou que poderiam ser

convocados cidadãos idosos para ajudar essas crianças desvalidas. A idéia foi transformada num plano por Marvin Taves e Donald Kent, da Administração dos Velhos, que tomou a direção do programa, com recursos fornecidos pelo DOE. O programa agora está sob a égide do Departamento de Saúde, Educação e Assistência, e expandiu-se até ao ponto de que hoje 16.000 menores se beneficiam dos cuidados e da atenção especiais de cerca de 4.000 avós adotivos. (Só são aceitas pessoas idosas habilitadas a receber assistência dos cofres públicos devido ao seu baixo nível de renda.)

O requisito principal para ser um avô adotivo é a sua capacidade de dar e receber carinho. Além disso, êle precisa ser compreensivo, interessar-se por crianças e estar disposto a servir e a aceitar supervisão. Os candidatos submetem-se a um exame médico, gratuito, e a um período de orientação de duas semanas, com remuneração, na instituição matriz.

Se, por um lado, o programa faz milagres para as crianças, também o faz para os adultos que anteriormente poderiam pensar que os seus dias de utilidade haviam terminado. Em um estudo feito, 93% dos avós adotivos do Centro Regional Para Retardados Mentais de New Haven informaram que sua saúde havia melhorado depois que começaram a trabalhar. Diz Joseph Colombatto, diretor do Centro: "Os seus próprios achaques desaparecem, e êles parecem alijar a idade ao se dedicarem às crianças." Ambos rimos nesse momento quando, olhando pela janela do escritório dêle, vimos uma senhora de cabeça branca descer pelo escorrega do playground para mostrar ao seu "neto" retardado como era a brincadeira.

Nos quadros do Programa de Avós Adotivos, um poderoso batalhão de cidadãos idosos que desejam servir e de crianças que precisam ser servidas para sobreviver está sendo reunido com vantagens para todos.



Boletins de Casa

SUSIE a seus pais: "Aqui está meu boletim, e eu já estou mesmo enjoada de ver televisão." —Y. C.

MINHA irmã, que está no primeiro ano ginásial, voltou para casa com o boletim e mostrou-mo. Enquanto eu olhava, papai pediu para vê-lo, explicando: "Quero ver minha nota em Álgebra." —B. L.

UM HOMEM para outro: "Aprendi uma palavra maravilhosamente confortadora no boletim de meu filho. Agora considero-me não mais um fracasso, mas um sub-realizador." —Bill Vaughan, em *Star* de Kansas City